

Occulta¹

Ana Luíza Figueiredo MOURA²

Arthur de Souza FREITAS³

Josenildo Soares BEZERRA⁴

Universidade Potiguar, Natal, RN

RESUMO

O artigo descreve o ensaio fotográfico intitulado de *Pyl*, criado pelos alunos do curso de Publicidade e Propaganda da UnP — Universidade Potiguar, Arthur Freitas e Ana Luíza Moura ao longo do ano de 2012. Com um intuito de criar algo que fosse além da fotografia, foi elaborado um projeto com todo um contexto histórico que tinha como enfoque a vida de uma menina nos anos que precederam à grande Revolução Russa de 1917.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia; arte; publicidade; ensaio; estúdio.

1 INTRODUÇÃO

Nós buscamos fugir do senso comum, onde *portraits*, na maioria das vezes, seguem um padrão, e criamos algo completamente novo e que, aos olhos do espectador, fosse épico. Criamos uma história bastante subjetiva e comum, o que faria com que o público se identificasse ao se pôr no lugar da personagem. Após longos dois meses idealizando o projeto, chegamos a um *sketch* final, que recebeu o nome de *Pyl*, que significa poeira, foneticamente, em russo.

A história se passa nos últimos anos que precederam a Revolução Russa de 1917, porém com um roteiro que veio a se tornar atemporal graças às adaptações sofridas.

¹ Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na Categoria Produção Transdisciplinar, modalidade Fotografia Artística.

² Aluno líder do grupo e estudante do 3º. Semestre do Curso Publicidade e Propaganda, email: analuzamoura_@hotmail.com.

³ Estudante do 3º. Semestre do Curso Publicidade e Propaganda, email: arthur.sf@aol.com.

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso Publicidade e Propaganda, email: soares.bezerra@gmail.com.

Inspirando-se em artistas que vão do grande arquiteto Mies Van der Rohe, da fotógrafa Annie Leibovitz e do diretor Yoann Lemoine, nasceu *Pyl*, um projeto que de tão incomun, seria comum à todos.

2 OBJETIVO

O objetivo do trabalho é contar uma história, cheia de lacunas, onde quem observa tem o direito, e chance, de interpretar os movimentos e expressões corporais, juntamente com os elementos que compõe a foto, da maneira como lhe convenha, de acordo com experiências próprias no decorrer da vida; algo que faça-o (a) se identificar com a obra.

Também se procurou atrair mais pessoas para o mundo artístico através da fotografia, uma forma de arte que é bem mais aceita por ser agradável e simpática aos olhos leigos, além de comum.

Comum, na verdade, é a palavra que gira em torno deste artigo. Foi elaborado algo comum, mas que mesmo assim era único para cada um que a visse.

3 JUSTIFICATIVA

Em Março de 2012 foi dado início a um projeto que tinha como objetivo trazer mais perguntas que respostas —um tanto que filosófico, algo que a pessoa que via interpretaria do seu modo, com base em fatos ocorridos na vida de cada uma delas, algo que fosse extremamente pessoal mas que apenas através uma foto faria-o tornar público, nem que esse público fosse seu inconsciente, seu *coração*.

Não há forma melhor para apresentar, chamar atenção e obter reações que a fotografia, é algo universal e mínimo. É simples. É comum. Se é pretendido chocar, e chamar, pessoas para em torno de uma forma de arte, que esta forma seja a fotografia.

A fotografia nos acompanha desde o século XVII graças ao francês Joseph Nicéphore Niépce e de lá para cá tem se tornado uma das expressões artísticas mais populares do mundo.

O também francês Jacques Aumont escreveu em seu livro “A Viagem” na edição de 1993, página 60: (...) só há busca visual quando houver o projeto de busca mais ou menos

consciente (até a aparente ausência do projeto, que consiste na mera coleta de informações interessantes sem a preocupação com a natureza dessa informação).

Porém, o fato de querer deixar lacunas poderia tornar a obra incompreensível por completo, então foi criada uma história-base, onde guiaríamos o pensamento à cerca do assunto e em uma sequência desejada. Com base em livros de história russa dos autores Kyrill Fitzlyon (*Before the Revolution: Russia and Its People Under the Czar*) e Martin Sixmith (*Russia: A 1000-Year Chronicle of the Wild East*), identificamos uma figura que se encaixava perfeitamente no papel: Anastásia Nikolaevna Romanova. Ela foi uma jovem morta, quando tinha apenas 17 anos, juntamente com toda sua família. Era filha de um dos Czares mais poderosos da história, Nicolau II, que acabou sucumbindo à revolução de 1917.

Anastásia era uma figura óbvia pois era muito misteriosa, nos trazia mais perguntas que respostas, sua história era obscura. Por quase cem anos se acreditou que ela ainda estaria viva, dado que seu túmulo nunca fora encontrado até 1991 e só em 2008 fora comprovado por cientistas que um dos corpos era, de fato, da garota.

Occulta retrata isso, a dúvida, a incerteza, a parte obscura da vida. É uma obra subjetiva onde o incerto busca revelar o certo para cada um de nós, é uma obra multável de mente para mente, podendo se adaptar facilmente a história de que todos nós já vivenciamos.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Após vasta pesquisa sobre editoriais tomando como base os trabalhos da fotógrafa americana Annie Leibovitz, definimos nosso estilo, algo que remetesse à várias inspirações ao mesmo tempo, desde suas fotos, passando pela arquitetura de Mies Van der Rohe e vídeos de Yoann Lemoine (Woodkid). Na sequência foram feitos testes sobre qual produto deveríamos usar para criar o efeito desejado da poeira chegamos a conclusão de que o talco seria o melhor; era o mais leve e ficava no ar como uma nuvem por bastante tempo, já que não poderíamos usar uma longa exposição e não conseguir congelar o corpo durante o movimento.

Utilizamos o estúdio da UnP e o transformamos no mais próximo possível de uma câmara escura que conseguimos para que a fotos saísse extremamente pura e com um balanço de luz desejado. Foram utilizados 2 flashes, ambos em cada um dos lados da modelo

com uma angulação de trinta graus e quinze centímetros atrás e com um rebatedor para refletir a luz do flash que vinha de trás em direção ao rosto. Com essa configuração, a poeira se pareceria com uma nuvem de fumaça, a modelo ficaria nítida e o fundo preto ficaria imperceptível.

A câmera usada foi uma *Canon EOS REBEL T2i*, uma câmera profissional simples sem muitos recursos. A configuração básica foi a de um ISO de 100 para preservar ao máximo a qualidade da imagem e para que a foto não ficasse super exposta graças ao flash, uma lente grande angular de 18mm. A abertura focal foi de $f4.5$ para que o foco não se perdesse no escuro, algo que poderia inutilizar a fotografia. A velocidade do obturador foi determinante para obter o resultado desejado; foram mais de dez tentativas até achar a certa, $1/125$, o que permitiu que a imagem fosse congelada com uma exposição adequada e que a poeira ficasse com forma de nuvem.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Para a realização do projeto, foi necessário todo um embasamento teórico sobre a fotografia, embasamento esse adquiridos por meio de aulas e livros, tais como o *Guia Completo de Fotografia* de John Hedgecoe, *O Que é Fotografia?* de Cláudio Kubrusly e vários outros sobre a história da fotografia em geral.

Uma das primeiras escolhas, ainda durante a criação do roteiro do trabalho, foi decidido que as fotos seriam em preto e branco, visando uma maior captura de sentimentos e se tornando algo mais homogêneo aos olhos. Após a escolha do estilo, foi procurado o material que se adequaria melhor à ideia da poeira que representaria o passado da personagem. Depois de alguns testes, chegou-se a conclusão de que o talco seria o material perfeito, uma vez que é extremamente leve e se dispersa no ar com facilidade.

O local e sua configuração foi a última coisa a ser definida. Foi estabelecido um fundo preto para as fotos que permitissem a visualização da poeira. Em seguida veio a disposição dos *flashes* dentro do estúdio para que se chegasse ao resultado ideal.



6 CONSIDERAÇÕES

Pyl é de todos, é para todos. Representa a parte obscura de cada um de nós, da qual temos medo mas não vivemos sem ela. É algo sombrio até mesmo para os outros, a nossa incógnita permanente. É o que torna esse projeto mesmo sendo estranho à pessoa, tão pessoal ao mesmo tempo. Foi criado, por meio da fotografia, uma identidade pessoal secundária multável à cada um.

Foi elaborado um projeto fotográfico que não se limitou à fotografia, foi-se às casas projetadas por um arquiteto e para curtas e clipes musicais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FITZLYON, Kyril. **Before the Revolution:** Russia and Its People Under Czar. New York: The Overlook Press, 1978. 203 p.

SIXSMITH, Martin. **Russia:** A 1000-Year Chronicle of the Wild East. Londres: Overlook Hardcover, 2012. 624 p.

COSTA, Helouise; SILVA, Renato Rodrigues da. **A fotografia moderna no Brasil.** Brasil: Cosac Naify, 2004. 221 p.

HEDGECOE, John. **Guia Completo de Fotografia.** Brasil: Martins Fontes, 1997. 224 p.

CESAR, Newton; PIOVAN, Marco. **Making Of:** Revelações Sobre o Dia-A-Dia da Fotografia. 2. ed. São Paulo: Senac, 2008. 427 p.

KRAUSS, Rosalind. **O Fotográfico.** São Paulo: Gustavo Gili, 2002. 239 p.

KUBRUSLY, Cláudio A.. **O Que é Fotografia.** 4. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991. 109 p.

DUBOIS, Philippe. **O Ato Fotográfico.** 4. ed. Campinas: Papirus, 1993. 302 p. (Ofício de Arte e Forma).

AUMONT, Jacques. **A Imagem.** Campinas: Papirus, 1993. 317 p. (Ofício de Arte e Forma).

SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia.** São Paulo: Companhia Das Letras, 2004. 223 p.

BATDORFF, John. **Black and White:** From Snapshots to Great Shots. San Francisco: Peachpit, 2011. 240 p.

BARNBAUM, Bruce. **The Art of Photography:** An Approach to Personal Expression. Santa Barbara: Rocky Nook, 2010. 364 p.

LONDON, Barbara; UPTON, John; STONE, Jim. **Photography**. 11. ed. Jacksonville:
Pearson, 2013. 336 p.

CARTER, Peter. **Mies Van Der Rohe At Work**. New York: Phaidon Press, 1999. 192 p.